

A METÁFORA E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA LINGUAGEM*

Mariângela Peccioli Galli JOANILHO

RESUMO *O presente trabalho tem como objetivo apresentar os resultados parciais que foram obtidos em nossa pesquisa de mestrado. Nesse estudo, tínhamos como propósito realizar uma reflexão sobre as questões que envolvem o processo de construção do sentido metafórico, deslocando a sua definição dos limites das relações que se dão no interior da frase, para compreender a metáfora a partir de uma problematização que tenha em conta suas relações com as questões do discurso e da enunciação. Nesse ensaio, estamos apresentando uma síntese do quadro geral de reflexão proposto no trabalho original, bem como a análise de um dos fatos de linguagem constitutivo do corpus de nossa pesquisa.*

1. AS RELAÇÕES DA METÁFORA

A relação com a exterioridade precisa ser pensada como constitutiva de todo discurso, pois, o discurso é invadido pelo seu exterior. Um dos caminhos para se pensar a relação do discurso com o exterior é através das formas de heterogeneidade mostrada, porque:

“Sempre sob as palavras, “outras palavras” são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso, através da qual a análise pode tentar recuperar os indícios da “pontuação do inconsciente”. (Authier, 1990:28)

Dessa forma, nosso esforço de reflexão se encaminhará, a partir de agora, no sentido de verificar em que direções se expressa a *condição de heterogeneidade da metáfora enquanto processo de construção do sentido*, isto é, a maneira pela a qual a metáfora realiza a representação no discurso do discurso do outro.

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, no dia 28 de junho de 1996, sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Guimarães.

No presente trabalho, nosso esforço de reflexão se orienta no sentido de formular um conceito de metáfora que, pelo menos em um primeiro momento, a distancie das abordagens que a tratam como uma categoria de desvio.

Basicamente, dentro desta perspectiva, distinguimos três relações de configuração da metáfora, que constituem as linhas gerais que norteiam este nosso trabalho. À medida em que avançarmos em nossa análise, retomaremos estas relações que nos orientam e as trataremos com maior especificidade, delimitando-as e desenvolvendo-as. Por ora, estaremos apenas enumerando as relações. Assim, elas seriam:

1. metáfora e subjetividade
2. metáfora, enunciação e discursividade
3. metáfora e ideologia

Estas maneiras de ver e pensar a metáfora não constituem maneiras estanques de conceituá-la ou classificá-la, e sim, representam as lentes de um outro olhar sobre esta forma de significação da linguagem. Elas constituem as perspectivas de um mesmo jogo.

No que diz respeito à primeira relação de metáfora que acabamos de enumerar, podemos dizer que temos procurado resgatar e evidenciar a natureza subjetiva do processo de construção da metáfora, articulando uma concepção de linguagem que envolve uma noção de sujeito e de discurso a uma concepção de enunciação que privilegie as noções de acontecimento e de interdiscurso, como constitutivos de toda atividade enunciativo-discursiva.

Em nossa compreensão do processo de significação, é fundamental considerar que o sujeito faz parte da construção do sentido e que, portanto, este sentido não independe do sujeito que o produz e o utiliza. Assim, o sentido metafórico não se faz por desvio. No jogo da significação, o sentido se faz por efeitos de sentido.

2. O MOVIMENTO DOS SENTIDOS

Antes de apontarmos os dados que serão mobilizados na análise propriamente dita, gostaríamos de voltar a registrar que, de modo geral, uma das grandes tarefas que nos impomos neste trabalho é realizar um estudo sobre o sentido.

Diremos, então, que nesta nossa reflexão, estaremos considerando que o sentido das palavras vem de sua história, e ainda, que o sentido de um enunciado não depende de suas características lingüísticas apenas, mas depende da formação discursiva a que ele pertence.

Isso nos permite dizer porque a Semântica é um campo de saber importante para a Análise do Discurso, pois é fundamental para esta última considerar que o discurso não é internamente homogêneo, ou seja, nos termos de Orlandi(1988:53), **“todo discurso é uma dispersão de textos”** e ainda que, **“o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas.** (idem:58)

A metáfora, desse modo, é um movimento de sentido que produz efeitos. Ela introduz um “modo de significar”, que não é apenas um desvio de sentido, mas a própria instauração de uma subjetividade, pois, como veremos, uma construção metafórica

propõe, através do jogo de posições ou alternância de vozes-sujeito no enunciado, uma singularidade nos domínios da enunciação.

Assim, a leitura das cartas que estaremos apresentando a seguir é representativa do jogo de posições que ocupam os sujeitos-leitores no quadro de seu discurso: através das construções metafóricas que figuram no conjunto de enunciados por eles produzidos, os locutores dão voz a virtuais enunciadores, que oferecem pistas para que possamos compreender de outro modo a especificidade do funcionamento do discurso.

3. A DISTINÇÃO DAS IMAGENS

Segundo a configuração das relações de significação que os fatos de linguagem estabelecem, estamos propondo três maneiras de olhar para o processo de construção da metáfora, sobre as quais realizaremos nossa reflexão. Esta distinção não coincide com as relações de metáfora que propusemos anteriormente, pois enquanto as primeiras correspondem às questões que envolvem o *modo de significar* do processo de construção do sentido metafórico, esta última corresponde à *definição temática* que propomos para o conjunto de cartas constitutivo de nosso recorte. Assim, o movimento de sentidos das construções metafóricas nos dá elementos para dizer que podemos categorizar o corpus em *três níveis* de análise, que, em seguida, enumeraremos e distinguiremos:

- A. “A imagem difusa”
- B. “A imagem velada”
- C. “A imagem coincidente”¹

Para cada um destes níveis, selecionamos um grupo de cartas que categorizam determinadas relações dentro do processo de construção da metáfora ou do sentido metafórico.

Desse modo, o próprio movimento de realizar os três “cortes” nos elementos do corpus nos indicou uma maneira de compreender todo esse processo.

Em “a imagem difusa”, como teremos oportunidade de verificar, as construções metafóricas se constituem com base nos sentidos que são atribuídos à palavra *real*, que denomina a moeda brasileira. Assim, nesse primeiro recorte, o sentido do termo real vai se *alargando*, se *difundindo*, na medida em que preenche as condições de enunciação de cada uma das cartas selecionadas.

Já no segundo corte, “a imagem velada”, o jogo de imagens se configura a partir da significação que se atribui à palavra *santinho*. Nesse espaço, como veremos, o efeito de sentido que o processo metafórico produz é percebido através da *voz velada* dos sujeitos-leitores, que se marca nos enunciados. Isto é, verifica-se que a cada projeção de sentido, os sujeitos avaliam, interpretam e julgam o processo sócio-político e histórico que estão vivenciando.

Finalmente, para o terceiro e último corte, “a imagem coincidente”, selecionamos exemplos de cartas em cujas construções, o processo de construção da metáfora revela

¹ O termo “coincidente” nos foi sugerido no exame de qualificação pela Profa. Dra. Mônica Graciela Zoppi Fontana. Aproveitamos o espaço para agradecer-lhe pelo valor de sua contribuição.

um *ajuste de imagens*, isto é, o processo metafórico enquanto acontecimento, cruza enunciados de modo que a “forma” da metáfora não corresponde a uma definição (“x é y”) e sim, a uma categorização (simplesmente “x”).

Diante do quadro teórico até aqui apresentado, tivemos oportunidade de estabelecer as linhas gerais que norteiam nosso trabalho. Gostaríamos de retomar a distinção que elaboramos logo no início desse capítulo sobre as relações de metáfora, para poder especificá-las e rediscuti-las em conjunção com os temas levantados.

A primeira relação que delimitamos foi entre *metáfora e subjetividade*, isto é, repetidas vezes afirmamos que a metáfora instaura uma subjetividade enunciativa. Isso quer dizer que a metáfora constitui o sujeito no acontecimento, ela o particulariza, produz ‘singularidade’.

Desse modo, as diferentes construções metafóricas podem especificar, no jogo das formações discursivas, diferentes posições ideológicas; caracterizando o que já tivemos oportunidade de afirmar, isto é, que a metáfora é uma fresta na linguagem através da qual a ideologia se marca na língua. E, quando tratamos da língua, nossa compreensão nos orienta no sentido de entendê-la como a delimita Orlandi, em *Exterioridade e Ideologia* (1995):

“(...) o que interessa à Semântica Discursiva é a ordem da língua tomada como sistema significante em sua relação com a história, considerada em sua materialidade simbólica.” E, mais adiante:

“O que interessa é a ordem da língua. Não é, por exemplo, a relação entre sujeito e predicado que é relevante, mas o que esta organização sintática pode nos fazer compreender dos mecanismos de produção de sentidos (lingüístico-históricos) que aí funcionam, enquanto ordem significante.”

Portanto, poderíamos dizer que o discurso é o ponto de relação da língua com a história e, a metáfora, enquanto processo de construção de sentido, através de suas relações com a ideologia e a subjetividade, delimita um lugar de dizer que se constitui e se sustenta em determinados domínios da enunciação. Vista assim, pode configurar um acontecimento enunciativo, na medida em que, “cruza enunciados diferentes em uma mesma materialidade enunciativa”. Produz efeito de pré-construído.

Verificar-se-á que o processo metafórico produz lugares de significação que configuram as marcas do interdiscurso na “ordem da língua”. Isto é, a metáfora se faz na enunciação e produz um deslize no sentido de forma que a língua passa a abrigar uma memória nova.

4. A CONSTITUIÇÃO DO “CORPUS” DISCURSIVO: TRÊS “CORTES” DE IMAGENS

Em seus trabalhos sobre o funcionamento discursivo da linguagem, Eni Orlandi formulou o conceito de “recorte” para remeter ao conjunto de fatos de linguagem ou “corpus”, que configura determinado objeto de reflexão.

Em nossa compreensão, tal uso se refere ao fato de que em Análise do Discurso de linha francesa, como sabemos, a delimitação do “corpus” já é um trabalho de análise, regulado pelas condições de produção.

Na terminologia de Maingueneau (1984), como já havíamos pontuado anteriormente, três noções fundamentais são mobilizadas para se tratar das formações discursivas como constitutivas condições de produção: o “universo discursivo”, o “campo discursivo” e o “espaço discursivo”.

No caso específico da análise que nos propomos realizar, o campo discursivo é constituído pelo *discurso sobre o político*, dentro das relações cotidianas de linguagem, e ainda, o espaço discursivo se concebe com base no *funcionamento discursivo da metáfora*, representado pelas relações que este processo de construção do sentido estabelece neste espaço.

Dessa forma, o recorte de nossos dados foi feito a partir da leitura de cartas extraídas do “Painel do Leitor”, coluna diária do primeiro caderno do jornal **Folha de São Paulo**; produzidas no período de julho de 1994 a janeiro de 1995.

Para nosso trabalho de análise, escolhemos as cartas que tratam especificamente de discutir as questões que dizem respeito ao momento político que se vivia naquele período: as *eleições gerais* para presidente, senadores, deputados federais e estaduais. E, para o presente estudo, tratamos de selecionar, por questões de espaço, a análise de uma carta que ilustrasse a discussão proposta para os três “cortes” a que nos referimos anteriormente.

As cartas são produzidas em sua maioria por falantes comuns, que de uma forma ou de outra, se inscrevem na esfera do político. Na seção em que aparecem, isto é, o *Painel do leitor*, as cartas estão distribuídas conforme o assunto que tratam. Desse modo, cada ‘conjunto de cartas’ possui um título, que, de maneira geral, tem a função de encabeçar e introduzir tal conjunto. Muitas vezes, além do título que acabamos de mencionar, encontram-se também ilustrações, que funcionam como verdadeiras metáforas do que irá ser abordado.

Veremos em seguida uma das cartas que faz parte de nosso recorte de dados. O que orientou o recorte de dados foi justamente o fato de encontrarmos, na maioria significativa das cartas, construções metafóricas que configuram pistas para a nossa análise. Desse modo, optamos por transcrever as construções metafóricas em letra maiúscula, a fim de que se possa lhes oferecer um maior destaque.

Além disso, o nosso recorte teórico se fez de maneira que as cartas aparecem relacionadas segundo um *definição temática*. É importante registrar que a relação temática que estabelecemos não coincide com o título que encabeça as cartas no jornal. Desse modo, distinguiremos a apresentação das cartas da seguinte maneira: em primeiro lugar, apresentaremos o tema que define o objeto de determinado grupo de cartas para, em seguida, reescrever o título que cada uma delas recebe no *Painel do Leitor*.

a) Primeiro Corte: “A imagem difusa”

“Mais uma tarefa para os bancos: distribuir os REAIS ‘SANTINHOS’ de FHC, impressos na Casa da Moeda, sob coordenação do Banco Central e supervisão do devoto Ricupero.”

Adilson de Almeida Vasconcelos (Brasília, DF)

Poderíamos, em primeiro lugar, considerar que uma das pistas para verificarmos como a ideologia se marca no discurso a partir de construções metafóricas, é tomarmos como ponto de partida a localização e qualificação dos lexemas nesse processo discursivo.

Nessa situação de linguagem, a construção “*reais ‘santinhos’*” nos indicou a seguinte direção: o lexema “*real*” é o nome da moeda que começou a circular no mercado brasileiro, exatamente um mês antes da carta do leitor Adilson A. Vasconcelos ser publicada na coluna *Painel do Leitor* da *Folha de São Paulo* (FSP), ou seja a moeda brasileira mudou de “Cruzeiro Real” para “Real”, no dia 1 de junho de 1994.

O autor da mudança econômica que introduziu a nova moeda no mercado é o atual Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso (FHC); então candidato à presidência e Ex-Ministro da Economia do presidente anterior, Itamar Franco.

Ora, no caso do enunciado em questão, o lexema “*real*” está associado à palavra “*santinho*” (que o próprio locutor destaca); de forma que esta associação instaura uma maneira de significar, um modo de organizar o sentido, que faz com que se possa dizer que no *acontecimento discursivo* o sentido não está cristalizado e nem se localiza apenas em uma região demarcada.

Ou seja, a palavra “*real*”, que nomeia a moeda brasileira e, portanto, neste caso, pertence à categoria dos substantivos; funciona no enunciado em questão, como um adjetivo. Está associada ao vocábulo *santinho* e produz deste lugar, a enunciação das qualidades negativas que lhe são atribuídas.

Cabe assinalar aqui que um dos sentidos possíveis para a palavra *santinho* é o que está associado ao de ‘imagem religiosa’, entretanto, no caso do recorte de linguagem que estamos considerando, no que corresponde às condições de produção, verificamos que o sentido que se atribui é de ‘propaganda eleitoral’.

Desse modo, a construção metafórica *reais ‘santinhos’*, permite, pelo menos, duas paráfrases ou duas significações possíveis:

- a. ‘a propaganda eleitoral’;
- b. ‘a moeda oficial’.

Antes de avançarmos no processo de análise, gostaríamos de registrar que estas duas paráfrases não têm a mesma igualdade por causa do uso das aspas em *santinhos*.

Desse modo, precisamos marcar o valor do uso das aspas nesta e em outras cartas que analisaremos em seguida, pois isso ilustra de maneira significativa a primeira relação de metáfora que propusemos anteriormente, e que agora estamos retomando: a questão da subjetividade.

Em termos gerais, poderíamos dizer que esta marca de heterogeneidade funciona de forma que o locutor, através do uso das aspas, coloca uma tentativa de controlar o movimento dos sentidos, isto é, as aspas indicam a manifestação da subjetividade, porque aparecem no discurso como se fossem a marca de uma pontuação da consciência, como se o sujeito quisesse marcar o lugar da consciência, produzindo singularidade.

Assim, considerando as possibilidades de sentido que se apresentam, podemos verificar como uma construção metafórica revela as marcas da interdiscursividade, isto é, nos termos de Guimarães (1995: 68); **“um acontecimento enunciativo cruza**

enunciados de discursos diferentes em um texto. A enunciação, então, se dá como o lugar de posições de sujeito que são os liames do acontecimento com a intersdiscursividade. Deste modo, aquilo que se significa, os efeitos de sentido, são efeitos do interdiscurso no acontecimento.”

Ou seja, se tomarmos as paráfrases da construção metafórica *reais* ‘*santinhos*’, percebemos que esses efeitos, estas *marcas do interdiscurso no acontecimento* são constituídas pela enunciação das qualidades negativas que se atribuem à palavra *santinho*. Assim, quando tratamos da primeira paráfrase, as qualidades negativas se estabelecem pela revelação de que a *tarefa dos bancos* será distribuir a *propaganda eleitoral* do candidato à presidência (‘por meio’ da distribuição da *moeda oficial* que passou a circular em 1 de junho de 1994.)

No caso da segunda paráfrase, ocorre o inverso, isto é, neste caso, a leitura que se faz é que distribuição e circulação da *moeda oficial*, propriamente dita, serve de *propaganda eleitoral* para o candidato à presidência.

Portanto, se quisermos, podemos formular de uma outra maneira o que acabamos de dizer, ou seja, do ponto de vista lingüístico, no primeiro caso, o lexema *real* funciona no discurso como pertencente à categoria de “adjetivo”, isto é, qualifica o lexema *santinho* e, no segundo caso; como pertencente à categoria de “substantivo”. E aqui, quem o especifica, é a própria palavra *santinho*, que caracteriza a forma como a moeda oficial entra no mercado, como propaganda eleitoral de quem a criou. De qualquer modo, importa realmente registrar a forma como tal construção metafórica marca no acontecimento o seu conteúdo ideológico.

Desse modo, através da análise que realizamos acima, podemos observar pelo menos duas razões para o tema do primeiro conjunto de cartas se definir como “a imagem difusa”. Neste primeiro grupo de cartas que selecionamos, as construções metafóricas se constituem com base nos sentidos que são atribuídos à palavra *real*, a qual, como sabemos, nomeava a partir de então, a nova moeda brasileira.

Em “a imagem difusa”, o sentido do termo *real* vai *se alargando, se difundindo*, na medida em que preenche as condições de produção do domínio de enunciação de cada uma das cartas selecionadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início do presente trabalho, tínhamos como preocupação fundamental encontrar um caminho em que a metáfora fosse concebida não apenas como categoria de desvio e, portanto, como um conceito que corresponde à definição clássica de “figura”. Nosso propósito era ver e conceber a metáfora não mais como um sentido desviado, mas como um processo de construção de sentido em suas relações com as questões de discursividade e enunciação. E ainda, dentro desse processo, considerar a manifestação ou emergência de uma subjetividade enunciativa através das marcas de heterogeneidade.

Tratamos de resgatar essa subjetividade dentro das posições teóricas discutidas sobre esse processo, isto é, buscamos fazer uma reflexão sobre o “sentido literal”,

aquele que classicamente surge como a outra face da metáfora, isto é, como o suporte do surgimento do sentido metafórico.

Em nossa compreensão, o sentido literal precisa ser pensado como efeito de sentido dentro de um quadro de compreensão da metáfora enquanto processo de construção de sentido.

Dessa forma, para pensar o “sentido literal” como um “efeito literal” constitutivo da produção de sentidos em uma determinada formação discursiva, precisamos considerar a enunciação. Pois, como pudemos perceber através das análises, a partir do jogo de posições que ocupavam os sujeitos-leitores no quadro do acontecimento enunciativo de seu discurso, a noção de efeito de sentido pôde ser melhor compreendida, uma vez que resulta do próprio movimento de apreensão do sujeito situado em lugares.

Por tudo isso, podemos dizer que o movimento que realizamos não tinha e nem tem como objetivo esgotar os limites das metáfora, ao contrário, nosso propósito era colocar uma possibilidade de compreensão de processo metafórico, uma leitura possível.

BIBLIOGRAFIA

- AUTHIER-REVUZ, J. (1982) Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *D.R.L.A.V- Revue de linguistique*, n.26, Paris, p.99-151.
- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV, V. N.). (1990) *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 5 ed. São Paulo: Hucitec.
- BENVENISTE, E. (1988) *Problemas de lingüística geral*. Campinas: Pontes.
- DUCROT, OSWALD. (1987) *O dizer e o dito*. Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes.
- GUIMARÃES, E. (1995) *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas: Pontes.
- MAINGUENEAU, Dominique. (1989) *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes. Editora da UNICAMP.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. (1993) *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da UNICAMP. (2 ed.)
- PÊCHEUX, Michel. (1969) *Analyse automatique du discours*. Paris: Dunod.